

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 5.

FEVEREIRO 15. 1 MARCO

1856.

ARCHITECTURA CHRISTAN.

(Continuado do n.º antecedente.)

III.

A INDIA e a China, o Egypto e a Persia a Grecia e Roma, o oriente e o occidente al-fim, todos nos offerecem multiplicados typos d'architectura cinzelados em tudo com um caracter peculiar que os não confunde:— caracter peculiar constante, quér no todo, quér nos promenores, quér na massa geral, quér na harmonia das linhas, quér no perimetro, quér no estylo por outra, o qual é de si um magestoso supplemento mudo da historia da humanidade, um grandioso monumento da typpographia silenciosa da sua civilisação dos seus sentimentos e dos seus pensamentos!— Nunca, porem, nunca este caracter architectonico diffunde um perfume tão sentimental, um colorido tão cheio d'unção d'immortalismo, como quando nós o vemos e apreciamos nas nossas chronicas mysteriosas da architectura christan, nessas historias plasticas do Crucificado do Golgotha, n'esses annes de pedra do Homem Deus de Nasareth!!!— Tudo é grande, com effeito, tudo é gigantesco nessas obras da arte, as quaes marcam com o seu começo uma nova epocha esthetica no campo da civilisação, d'essa civilisação de que no occidente costára Carlos Magno, á luz do Evangelho, o nó gordio que a retinha prêza á civilisação antiga, em quanto os kalifas caminhavam ovantes no oriente, á luz do kyorão, depois de Mahomet nos haver traçado com a ponta do alfange — no grande mappa vivo das nações—os limites ou raias do oriente e do occidente!— Desse oriente e deste occidente, sim, que parecem povoados e habitados

por duas raças diametralmente oppositas no physico e no moral, no aspecto e nas ideas, na materia e no espirito!— O oriente, olhado architectonicamente, pareceria talhado para a lei da regua e do prumo, para só se associar n'um pacto d'estatica e sob uma lei d'inercia; em quanto o occidente pareceria de feito talhado para a lei da balança e do nivel, para a perfectibilidade baseada na eterna justiça!— O occidente, qualquer que seja o modo por que se olhe, pareceria haver sido predestinado para livre; e o oriente, para escravo!— No occidente, tudo é vida, tudo é sentimento, tudo é intellectualidade: no oriente, tudo é massa, tudo é pêzo, e nada mais!— E d'ahi vem que o seu viver social não parece ter passado de duas sós e unicas ideas architectonicas, a ideia do capitel e a ideia da columna:—a columna, para eternamente sustentar, e o capitel para eternamente pezar!— A estatica, pois, é a sua lei; a inercia, a sua natureza!— Não crearam as suas raças instituções, por que não tinham intelligencia de concebê-las; e não as aceitaram egualmente, porque também não tinham coração para amal-as!!!— E estudem-se uma por uma, estudem-se desde os pedestaes das columnas até os fechos, e desde a base até o cimo das cupulas;— estudem-se essas formas estheticas da architectura do oriente e do occidente; e n'ellas se reconhecerão traçados a cinzel, na mais grandiosa e mais maravilhosa mudez, os caracteres peculiares dessas duas grandes gerações, destas duas grandes divisões da Europa:— gerações differenciaes em tudo e por tudo, differenciaes já mesmo na sua propria origem, como oriunda que é uma dellas de Sem no oriente, onde na face dos povos é quasi nullo o diametro

frontal ou do genio, e quasi desmarcado o diametro transverso ou doutrinario, e como oriunda que a outra é de Japhet no occidente, onde os povos na sua testa apollinea tem longo o diametro vertical e breve o lateral, a par da elegancia no talhe, e do sentimentalismo nos labios e nos olhos: — sentimentalismo grande, immenso, indefinido, e que a verdadeira crença traduzira do coração nas multiplicadas formas da architectura gothica, pelo modo mais ingenhoso, mais agradavel, mais pathetico, e mais mysterioso! — No oriente, com effeito, lá reina por soberana uma architectura mais material, mais pezada, de formas arredondadas e depressas, apofando-se amplamente sobre o solo, e simultaneamente com certo ar grave e sensuario: — é a architectura chamada bysantina, a architectura constituida em forma desde o 6.º seculo, e conservada sem alteração bem sensível até á queda memoravel do imperio. — No occidente, pelo contrario, aqui reina uma architectura oriunda do norte, uma architectura que parece desconhecer as leis da materia nas suas formas, uma architectura que arroba a imaginação e maravilha a intelligencia, uma architectura de sublime e mysteriosa ousadia, a qual apenas parece da terra pelo só repouso da sua base, porque toda de feito se eleva por novos modos, modos até então não vistos nem sonhados, em aspirações estheticas para o ceo: — é a architectura chamada gothica, a architectura ogival, a architectura eminentemente espiritual, a architectura christan por antonomasia ou excellencia. — E' a architectura constituida em forma no seculo 12.º, chegada á sua expressão mais pura e mais elegante no seculo 14.º, e desaparecida allem como arte individual no seculo 16.º, estando ainda todavia a desaparecer de dia para dia e d'hora para hora, sendo obra monumental em que não deviam tocar as mãos sacilegas dos nossos Osas. neste seculo de civilização economica e reformadora: — seculo em que os novos Hunos financeiros parecem haver-se associado em corpo moral com os novos Vandalos do camartello, para arrasarem alguns dos templos a pró dos alinhamentos municipaes, e para remoça-

rem outros muitos a pró da esthetica chastral d'estupidos estucadores!!! — Estucadores myriadas de vezes estupidamente chantraes, aos quaes nem ao menos de fugida lhes passa pela testa, que são tam impios e tam blasfemos os labios do que desloura e renega a palavra do Salvador, como são impios e blasfemos os braços do que rasga e destroe os livros mudos de granito e de marmore, nos quaes o cinzel do crente ha traçado os caracteres silenciosos d'essa sacrosanta palavra!!! — Financeiros myriadas de vezes estupidamente sem crenças, os quaes olhando para os monumentos como só capitães improduttivos, e só achando o grandioso e o sublime nos mysterios inextinguíveis da religião do orçamento, apenas curam de só elevar e conservar os altares do Deus Prothèino que a politica germinára, e que ella germinára debaixo do simulacro magico da nova boceta da Pandora, d'essa arca mysteriosa chumada por esearneo a urna eleitoral do povo!!!

J. J. da S. Pereira-Caldas.

(Continua)

MURMURIOS.

POR

AGUSTO LIMA.

Si la poésie est l'histoire universelle du coeur de l'homme, la poésie lyrique en est la chronique et le journal—

La Balance — artigo sobre os *Chants do Crespuseule* de Victor Hugo—

I.

E' noite: mas uma destas noites, em que a lua, coando-se atravez dos salgueiros do rio, povoa as margens de seres vaporosos quaes os que sonhara Ossian nos lagos da Escocia; em que o brilho das estrellas amorticado, brandamente tremulo e voluptuoso, é como o languido olhar de formosa donzella, jurando falazes protèstos d'um amor eterno.

Que bello quadro a natureza desenhou aqui, junto a nós, com as tintas suaves da melancolia,

Não ouvis, como um suspiro de saudade, o leve roçar da brisa na folhagem avelludada do bosque?

Não ouvis o tímido escoar da fontinha, como um segredo d'amor murmurado ao ouvido da amante?

Não vedes aquella rosa, proxima á fonte, rodeada d'abrolhos? E como ella vive no seio de tantos espinhos, sosinha e solitaria, como a luz vaga da esperança no meio das tormentas da vida!

E' que a agua da fonte a vivifica; é que a pobre flor sente alivio ás suas magoas no murmúrio da lymphá.

A rosa é o amor.

Os abrolhos são as decepções

A fontinha é a poesia no soffrimento, é a resignação na dor, é a esperança no futuro.

Eis a imagem da poesia do sr. Lima.

Ameu sim, porém a mulher a quem amou não soube comprehender a grandeza da sua alma, pisou aos pés as suas mais fatidicas esperanças, desfolhou petala por petala o virente ramo das suas illusões de mancebo. Essa mulher com o coração regelado pela indifferença disse-lhe um dia «esquece-me!» E o sr. Lima sentiu todo o peso d'esta blasphemia á religião do coração; e comtudo a sua alma vacillante ao rasgar de tão profunda ferida, suffocou no peito a imprecação da descrença para mandar aos labios o ai da resignação.

Podia, ardendo em ciúmes, como o Otello de Shakspeare, cravar um punhal no peito d'essa perfida mulher; podia, como o Werther de Goethe, acabar a vida com o fim tragico do suicidio; podia até, como o Jacopo Ortis de Foscolo, renegar o seu ser, amaldiçoar o Eterno e as obras da criação; mas não, não o fez. Envolvido o coração no crépe da angustia, o sr. Lima tomou a lyra suspirosa de Lamartine, cantando sua magoa, a injuria que a mulher lhe cuspira nas faces, escreveu algumas quadras sublimes, em que transluz toda a amargura da sua alma, ungida pelo soffrimento. E' um brado sentido que lamentoso geme, é o brado de mancebo inexperto, que vê dissiparem-se-lhe as illusões, como fumo, ao sopro frio da realidade. E' o senecer d'uma estação dourada, em que tudo é prazer, felicidade, e crença, é o começo d'outra quadra bem negra, em que tudo é decepção, dor e quasi sempre scepticismo.

Vejo agora que nunca d'esta alma.

Nem sonhaste sequer a extensão . . .

Tão depressa alto mar não se acalma,

Não se abafa tão cedo o vulcão!

Mas apesar deste desengano atroz, o fogo desolador do scepticismo não lhe murchou a flor viçosa da esperança. Ainda crê e julga impossivel esquecer-a, como é impossivel á lyra do barão esquecer-se de gemer ou ao peito da virgem esquecer-se de arfar!

Esquecer-te! que dizes, que pensas?

Como posso teus votos cumprir,

S'inda luto co'as fraguas immensas

D'um amor que s'enrosca ao porvir?

E' Stenio amando Lelia com o sancto amor de poeta, com a ingenua paixão de mancebo, a quem a devida não tem ainda embotado o sentimento e a razão — E' Stenio apertando-a nos braços, collando os labios nacarados e ardentes nos labios pallidos e ironicos de Lelia, que o repelle e lhes diz com voz secca e aspera: *laissez-moi, je ne vous aime plus*. E Stenio quer vingar-se d'essa mulher, matando-a, mas recorda-se de que para ella é indifferente o existir. E Stenio, amante loucamente apaixonado, procura afivelar no resto a mascara da frieza, e ao fim de trez palavras não pôde sustenêr a dôr dentro do peito, e o pranto rebenta-lhe dos olhos na impetuosa espontaneidade d'uma paixão sinceramente profunda!

II.

O sr. Lima cantou a natureza e o amor, estes dois temas da poesia, primitivos, mas sempre inexgotaveis e viçosos.

Segundo o auctor do *Cromwell* a poesia tem tres idades, cada uma das quaes corresponde ás tres phases successivas da civilização — os tempos primitivos, antigos e modernos; a ode, a epopeia e o drama; a Billio, Homero e Shakspeare.

Se ha epochas, em que o presente respeita as instituições legadas pelo passado, ha outras tambem, em que este desaba em ruinas, sobre as quaes se construe o edificio do futuro. Este digladiar de crenças, a que hoje assistimos no mundo politico, é o precursor d'uma nova era de renovação social. Alfonso de Lamartine com a inspiração de propheta o vaticina nos *Destinos da poesia*.

O mundo politico reflecte-se no mundo litterario. — E a poesia acompanha *pari passu* a sociedade nas suas transformações progressivas. A nossa epocha é, para assim dizer, o arrebol d'essa transformação, e assim como o foi na aurora da humanidade, n'esses tempos primitivos ou fabulosos, a poesia, hoje, tambem é lyrica.

Que a poesia, nos tempos modernos, renasce pela ode, é impossivel negar-se, e tanto conheceu Victor Hugo esta verdade, que disse no prefacio d'um dos seus dramas, que a nossa epicha, *por isso que dramática é eminentemente lyrica* — E' o que ha de mais semelhante, diz elle, entre o principio e o fim, o pôr do sol tem seus visos do nascer; o velho torna-se infante.

Parece nos que o celebre dramaturgo francez foi menos exacto na razão que a lduz — para justificar o caracter lyrico da poesia contemporanea — Talvez a isso o levasse a sua paixão pelo drama, e a vairosa lembrança da que o lugar vago pela morte do auctor do *Misibth* poderia ser occupado pelo auctor do *Marion de Lorme*, da *Lucrecia* e do *Ruy Blas*.

Olhemos para a França. A collecção litteraria, que desde 1830 se tem operado, não começou pelo drama, mas pela poesia lyrica.

Depois das canções de Béranger, das elegias de Lamartine, das phantasias d'Alfred de Musset, das satyras de Barthélemy, dos dithyrambos d'Augusto Barbier e das odes de Victor Hugo, é que no theatro se puzeram em pratica os preceitos do drama moderno, e a *theoria do grotesco*, formula-la no prefacio do *Cromwel*, por este ultimo poeta. (1)

Passémos além do Rheno, entremos na Allemanha, e um rapido exame vem roborar-nos a opinião exarada.

Ao passo que uma escassa luz allumia o proscenio, e que poucos nomes distinctos figuram na poesia dramatica, a poesia lyrica, pelo contrario, absorve a inspiração dos principaes escriptores da epocha actual — Novalis, Chamisso, Frederico Ruchert, Henri Heine e Luiz Huland são alguns dos nomes gloriosos dos poetas lyricos contemporaneos, com que a Allemanha tanto se enobrece.

O sr. Lima, como poeta lyrico, escreve a cronica intima do homem.

Conta uma por uma as palpações do coração, e segue de momento a momento o arfar do seio da virgem, assaltada por um pensamento menos casto d'amor. Canta as esperanças nascidas ao alvorecer da manhã, quando a aurora projecta seus pallidos raios nas cumiadas do monte; canta as illusões do crepusculo, quando o as-

tro fulgurante do dia se atufa na branca espuma do Oceano; canta os vãos da phantasia e do amor, sonhados ao meigo clarão da lua em noite saudosa d'estio, quando as auras fazem seu concerto aereo de harmonia perante a rainha do firmamento.

Conduz nos a um valle tão formoso, que parece que a natureza sorri d'alegria, e tece um hymno ao Creator — Dahi leva-nos á praia, e mostra o mar batendo, reflectido como vasto lago o azulado dos ceus, mostra a onda espriguçando-se voluptosamente na areia, e tece um novo hymno ao mar, aos ceus e á onda.

Sopra o vento rijo do norte, a atmosphera enteanebrece; o relampago fuzila e o raio corre veloz pelo ceo com um flecho de fogo; o trovão ribombando accorla os echos dos abyssos; o oceano entumescce; as ondas encapellam-se; montanhas d'espuma se elevam aos ares; o mar como puzula de raiva, estrebucha, e he fora do seu leito e cospe ás naveis o fragil lenho, que o orgulho humano collocou sobre seu dorso gigante! Duzem-nos a arribar nas azas da imaginação, sem nos lembrar-nos de que Byron já morreu.

O que inspira o sr. Lima é o brando cicciar da aragem, é o perfume recendente das flores, é o regito lambido a delva, é a boina do prado namorando-se no crystal do arroyo, é tudo o que a natureza offerece para de leite do sentimento, suavemente bello, candidamente seductor, ingenuamente aprazivel, mas quadros d'aquelles, não: á sua harpa falta esta corda.

O genio porem do sr. Lima é eminentemente progressivo. O desenvolvimento por que tem passado é admiravel. O sr. Lima é um dos caracteres mais salientes do *Trovador*, e todavia o auctor dos *Murmurios* está bem longe do auctor de diversas poesias publicadas a aquelle excellente jornal.

Além, no *Trovador*, é a infancia do poeta, aqui, nos *Murmurios*, é a sua adolescencia

(Continúa.)

Torres e Almeida.

O ESTUDANTE.

UMA COUSA QUE PARECE ROMANCE.

Os prologos, prefacios e *advertencias* tornaram-se tão necessarios ao livro, como a bussola á navegação.

Escreviamos um aranzel de *frases* e que

(1) Dizemos *formula-la*, porque a theoria do grotesco não é invenção de Victor Hugo. O auctor do *Cromwel* nada mais fez, do que colligir e exagerar as ideas, que sobre o assumpto jaziam dispersas nas obras de Madame de Staël, de Schlegel, Sismondi e outros.

ainda assim muitas vezes sae melhor do que o restante da obra, não é das couzas mais difficiliosas, porem conseguir em poucas palavras apresentar a synthese de todo o livro, isso tem dente de coelho.

Eu desde ja previno os meus leitores, que protesto contra a primeira, e declaro não estar resolvido para a segunda.

A historia do Estudante, sabe-a muita gente, e quem a ignorar, que a pergunte.

Não levo em vista se não esboçar a vida d'um rapaz, que fez andar em calças pardas os agentes da policia, e soffrer *elisoras* a muitos negociantes.

I.

Um bom pae, é para seus filhos o mesmo que a Providencia para com os paes. E' esta uma maxima que milhares de seculos teem provado e continuarão a provar, em quanto os homens forem de carne e osso na linguagem do grande Milton.

Os meus leitores, quasi todos, teem um perfeito conhecimento da provincia do Minho — desta terra a quem algum escriptor de consciencia d' agiota, chamará — paraíso ter real — cadeia de panoramas e valles pittorescos onde a natureza a cada hora se espelha vaidosa, mesmo á vista dos profanos. Já vêem, que estou desculpado de lhes faser uma descripção topographica desta provincia.

Corria o mez de setembro do anno de 184 * * * : o anno havia sido abundante de feijões fradinhos, noses mollarinhas, centeio de Barrozo e repólhos vermelhos. O repertorio d' aquelle anno fallara verdade, a primeira vez na sua vida.

O vinho espirrava nos lagares, e prometia render como qualquer logar d' escrivão de fazenda. A respeito de milho, fora tal a abundancia dos temporaõs, que o moleiro da freguesia ja não queria deixar moer na sua atafôna sem tirar duas maquiãs, e mais um tudo nadinha para banquetear o seu gallo, macrobio celebre, que de certo quando morrer merecerá as honras d' uma local.

Era domingo. O sino ja tocara duas vezes para a missa do dia; faltava a picadella do costume, dada a qual os fregueses do fim da aldeia, ficavam sem ouvir a pratica sobre o peccado da — má lingua — e exposição do Evangelho d' quelle dia.

Não foi necessario, porem, nesse domingo dar similhante trabalho ao que fasia de servo, porque ao segundo toque do sino todo o santo rebanho formigava dentro da casa da oração.

Era encantador ver como de todas as partes affluam os parochianos, uns de palhoça, posto que estivesse um bello dia, outros de capote, outros em fim com fardetas de milicianos, reizes illustres das linhas do Porto.

Os mancebos mais pimpoens tomaram logar no côro: no corpo da igreja estavam apenas as ultimas vidas dos prazos mais antigos da freguesia. Eram os fosseis » como diria um folhetinista.

Mal o pastor d' aquellas arreliosiasimas ovelhas riscou a ultima benção, os parochianos acotovellando-se reciprocamente com toda a em-ceremonia abandonavam o templo, deixando-o apenas decorado por tres velhas feiticeiras, e não sabemos se — corpos abertos — que resavam por umas grandes contas de Jerusalem a favor de certa alma vadia e que n' aquella epocha se hospedava no corpo do thio Bonifacio do Mosteiro.

Os adros das igrejas são inquestionavelmente para a gente do campo o banco de todas as transações, o theatro da politica, o salão para a discussão dos negocios mais intrincados da junta de parochia e o soalheiro da murmuração.

Os maioraes ficaram para se tractar da ordem do dia, e fazer uma revista da semana.

A novidade mais palpitante, e que havia soado desde o branco telhado da residencia do parochio, até ao negro colmo da mais nojenta choupana, era a ultima deliberação domestica do senhor Ignacio Lumieira. Havia este senhor dito na vespora, que hia mandar para Braga o rapaz, estudar. Isto era caso novo nos annaes d' aquella aldeia: tornara-se por isso necessario submeter essa deliberação ás sisudas reflexões dos representantes da freguezia.

O senhor Ignacio acabara de propor o seu programma, que era toda a sua unica ederradeira vontade: a discussão principiou. Compunha-se este salão de S. Bento de cinco persoenagens, as maiores da freguezia.

A proposta não tinha unanimamente agrado. O senhor Ignacio soffreu o desgosto de ver n' aquella roda d' amigos combatido o seu projecto.

O senhor Domingos Fiusa, homem que por a quella redondeza não havia quem lhe deitasse agua ás mãos a respeito de saber, era o cabeça do partido contrario. O Demosthenes da freguezia puchou a gola do capote para cima, bateu com os bicos dos tamancos na quina d' uma pedra, limpou o nariz com as costas da mão, e exclamou n' um tom terminante e decisivo:

— Olhe, senhor Ignacio, a gente não deve fazer d' em finalmente. Cada um deve ser como cada qual. O rapaz está novo, é vivo como o meu touro pequeno, e mesinamente não será grande cabedal perder o moço lá por essa Braga; em porem, . . .

O vogal que se seguia do lado esquerdo do orador, e que encrespava o nariz em virtude d' uma rabanada fria como orelha de defuncto, disse, como diria um presidente de ministros:

— Falem bem, e . . .

Não pôde continuar, porque teve d'apanhar o chapéu, que depois do primeiro aceno ao pronunciar a sua opinião, começara n'uma oscillação continua, até que de todo perdido o equilibrio tombara no chão.

Este maldito — fallou bem — era de menos um voto que tinha o senhor Ignacio. A cauza principiava de perigar, felizmente para elle, o restante da roda, a primeira vez na vida, não aprovava a opinião do orador.

— Pois também não ha de ser assim: nem tudo ao mar, nem tudo á terra. — Disse um dos vogaes d'aquella discussão: — O senhor Domingos Fiusa não ha de desfazer nas palavras d'um home. O moço vai para a lição e contente elle se portar, assim cá o patrão, levanta ou desce a cesta. —

Isto sim; era a espada d'Alexandre a cortar o nó gordião. Este tarefa figurada, fez perder meia rethorica as eximio Fiusa.

O interessado esfregava as mãos com uma força de vinte cavallos, porque aquella opinião racional fizera de novo bambalear o chapéu do primeiro adherente ao voto do Domingos Fiusa.

— Pois senhor Antone Chibante, ouca cá duas palavras. O rapaz, como diz o ditado, é esperto, vai metter-se em partidos, e em antes que o ferro do arado parta as minhocas, ha de o compadre Ignacio ter na sua germinidade um filho — pedreiro livre — cá falla-se assim.

Estas palavras foram proferidas com um tal ar prophético, que os ouvintes horrorisaram-se. O do chapéu bombo benzeu-se, e fez muito bem, porque fora miliciano, e abrava conforme os estatutos da ordem.

O pobre do pae que já sentia sobre o costado o peso real d'aquellas palavras amargas como a casca de traveiro, deixou cahir uma lagrima reboluda como uma azeitona, sobre os folhos da camiza; estavam todos melancolicos como a cruz do adro. O senhor Fiusa como enternecido da spoquentação moral do pae, e valioso por ter fallado como um visconde, puchou de novo a gola do capote, deu dois estalos com os nós dos dedos, e tomando um ar cathedraticeo, exclamou:

Esta bô: já a qui não está quem fallou. A gente como diz o ditado, home morto não mette fevora; ora eis ali está. Lá vão duas palavras de rachar — o moço vai para a cidade, mas en hei de dar-lhe cá um livro que en sei: arruinou... cá falla-se assim, e deixem-nos de pantominas. — O moço como valioso ninguém desdava este nó com mais valentia! e digam lá o que quizerem, porem confessem, que este Fiusa tinha rasgos como qualquer testa coroada; e talvez morrendo não haja um jornal, que chamando-lhe *excellentiſſimo* lhe dedique um necrologio em verso, que é cousa de fazer chorar um bacalhau, segundo a frase favorita d'um nosso amigo.

A repentina noticia d'uma sabida consi-

deravel de fundos, não alegra mais o coração do agiota, do que as palavras do Fiusa causaram nos corações dos ouvintes.

O pae, coitadinho, babava-se de regozijo: o miliciano, tirou o chapéu que o embaracava de rir estupidamente como elle sabia, e começou n'uns gunchos capases de desmamarem creança: todos os outros riam como idiotas, deitando soberbas camadas de saliva nas ventas dos illustres preopinantes; e o Demosthenes assistia á aquella victoria da intelligencia sisudo e carregado como um Sancto Agostinho, que em posição d'extasis havia na egreja, feito por um curiozo. Tinha sido mais um louro d'eloquencia posto na frente rugada do cidadão orador.

O senhor Ignacio não sabia como agradecer; lembrou-se dar a cada um delles um affectuoso abraço, e a lembrança não só era dramatica, mas até religiosa; a grande reminiscencia do juiz eleito, trasia-lhe agora a lomea — annunciação de Santa Izabel. — Cogitou mais um pouco, tirou da algibeira uma caixa de madeira do ar, na tampa da qual se via desenhado um caçador e não sei quantos coelhos, abriu-a e exclamou:

— Va de tomar.

Todos se serviram d'uma pitada de simonete, e todos principiaram n'uma arbilharia de calibre tal, que o pobre Ignacio nada mais fazia, que distribuir em todas as direcções a miudades — *domis teo* — a que o senhor Fiusa respondia por si e por todos;

Aguardado; não faça caso.

(Continúa)

MILTON.

A revolução ingleza, as discordias intestinas, um excessivo amor de liberdade, o rei no cadafalso White-Hall, os puritanos e os cavalleiros Carlos 1.º, e Cromwel, o protectorado e o povo; o evangelho e a Illiada produziram Milton.

Torres e Almeida. (Critica ás poesias do sr. Palmeirim.)

Do meio d'essa luta gigantesca e medonha porque passou a velha Inglaterra, quando o protectorado de Cromwel se elevava sobre o cadafalso do infeliz Carlos 1.º, sahio um genio transcendente, cuja grandeza contrastou, para assim dizer, com a grandeza dos acontecimentos d'aquella epoca desastrosa.

Esse genio, autor de diversas obras, tanto em proza como em verso, foi Milton.

Nasceu em Londres, a 9 de dezembro de

1698, teve o poeta nos seus primeiros annos uma educação conveniente.

Estudou primeiramente na escola de S. Paulo, debaixo da direcção de Mr. Gil, d'onde foi depois removido para Cambridje, e admittido como pensionista a 12 de fevreiro de 1624.

Milton mostrou muito cedo grande pericia na lingua latina, e foi, segundo o juizo dos homens competentes, o primeiro inglez que depois da restauração das lettras escreveu versos latinos com elegancia classica.

Em 1628 tomou elle o grao de bacharel, e o de mestre em 1632; houveram porem, motivos que o fizeram desgostar da universidade, talvez, segundo se suppõem uma indiscreta severidade de seus directores, o que lhe inspirou o desejo d'abandonar o seu emprego.

Ao sair do collegio voltou para seu pae que estava então em Horton, em cuja companhia passou 5 annos, estudando os escriptores gregos e romanos, cultivando ao mesmo tempo a poezia, que era sobre tudo o seu estudo favorito.

Em 1634 deu á luz a sua « mask of Comus » e tres annos depois o seu « Lycidas » elegia á morte de Mr. King, filho de Sir John King. Foi tambem por este tempo que elle publicou assuas « Areades. »

Depois da morte de sua mae, Milton deixou a Inglaterra para ir viajar. Dirigio-se primeiramente a Pariz, aonde tomou conhecimento com o celebre Grocio, tão famigerado n'essas lutas gigantes do norte entre Carlos 12 e Pedro o grande, o qual se achava então como embaixador da Suecia junto á corte de França. Dalli passou a percorrer a Italia, e passados quinze mezes voltou á patria, que achou envolvida em commoções civis.

As controversias dos tempos eram demasiado importantes para lhe consentirem o permanecer como espectador indifferente, e em 1641 publicou um tractado de reforma a favor dos puritanos.

Aos 35 annos desposou a filha de Mr. Powel juiz de paz de Foresthill, cujos principios eram tão contrarios aos seus, que o casamento é sem duvida muito mais notavel do que a separação, que teve logar um mez depois. Milton sumamente irritado com o comportamento de sua mulher, principiou a lembrar-se do divorcio, e escreveu tres tractados para justificar este passo, voltando ao mesmo tempo as suas atencões para outra parte, o que fez com que sua mulher se lhe viesse lançar aos pés, e implorar o seu perdão, seguindo-se depois uma cordial reconciliação.

Passado algum tempo, na queda dos realistas, Milton recebeu em sua casa seu pae, irmãos, e outros d'aquelle partido.

Em 1645 publicou uma colleção de poemas inglezes e latinos, nos quaes incluiu o Allegro and Penseroso.

Pouco depois da morte do rei, foi elevado por Cromwell á dignidade de seu secretario latino e do parlamento, conservando elle este ultimo emprego até á restauração de Carlos 2.º

Em 1649 Salmasio, professor de litteratura politica em Leyden, e homem de vastos conhecimentos litterarios, publicou o seu — Defensio Regis — ao qual Milton respondeu d'uma maneira tão forte, que difficil seria de terminar de que lado estavam os melhores argumentos.

Milton viveu por algum tempo em Whitehall; mas a sua saude obrigou-o a vir estabelecer-se no parque de S. James, aonde morreu sua mulher de parto, deixando-lhe tres filhas.

A este triste acontecimento seguiu-se outro ainda mais triste — a perda da vista.

Neste apuro Milton procurou nas docuras do hymeneu allivio a tantas atribulações, e casou com a filha do capitão Woodcock, de Hackney.

Ella morreu, porem, dentro em um anno da mesma cauza da primeira: Milton honrou a sua memoria no seu decimo oitavo soneto.

Tendo então chegado aos 47 annos, e estando livre de embaraços externos, entregou-se á composição de tres obras que tinha reservado ha muito para exercicios futuros, que eram: — um poema epico, a historia do seu paiz, e um dictionario da lingua latina.

João Joaquim d'Almeida Braga

(Continúa.)

CHRONICA LITTERARIA.

Um dos escriptores mais secundos do nosso paiz é incontestavelmente o snr. Camillo Castello Branco.

Depois da publicação do 1.º n.º d'este periodico, no qual repro luzimos o programma das *Memorias d'alem da campa d'um juiz Eleito*, enriqueceu com mais duas produções o catalogo de suas obras. E' um drama e um romance.

O drama, que se intitula *Justiça*, representou-se no theatro de S. João no dia 12 do corrente. Segundo diz a imprensa portuense, arrancou á platea sinceros applausos, sendo o auctor entusiasticamente victoriado.

O romance denomina-se *Onde está a felicidade?* Publica-o a *Verdade* em folhetins. Esperamos pela conclusão para podermos com segurança emitir o nosso humilde juizo.

O auctor dos *Homens de Marmore*, do *Homem d'ouro*, da *Herança do Chanceller* e de tantas outras composições que abrilhantam as lettras patrias, o snr. Mendes Leal vae dar ao prelo um volume escolhido dos seus melhores versos lyricos.

Todos sabem, diz a *Patria*, que nas cordas da harpa, que a morte d'Almeida Garret deixou mudas, nenhuns dedos podiam ferir

com primer tão digno do mestre, como os do suave e inspirado vate de *Ave Cezar*. Os verdadeiros cultôres das letras deploravam com motivo, que os bellos canticos, em que a musa portugueza rivalisou com as arrebatadas estrophes da moderna escola franceza, italiana e espanhola, corressen dispersos ainda por folhas volantes, aonde era quasi impossivel admiralos todos á sua luz propria; a publicação que annunciamos remediará esta falta, proporcionando aos que estimam e prezam deveras a arte, o prazer delicado que excitam as flores da imaginação, quando a mão que as corteu é a mesma que as tece em grinaldas, combinando as côres e matisando os ramos.

Por esta occasião lamentamos com a *Patria* não poder dar ao publico equal nova ácerca das poesias, em outro genero, tambem excellentes do mimoso poeta da *Lua de Londres*, o snr. João de Lemos.

Publicou-se o n.º 4.º do *Seculo 19* jornal religioso, redigido pelo snr. D. José d'Almada auctor do drama biblico a *Profecia*. Este jornal merece ser lido tanto pela gravidade dos assumptos, como pela louçania do estylo.

Todos em geral, e com especialidade o clero portuguez, devem coadjuvar tão util publicação. Applaudimos a idea da traducção das *conferencias do Padre Lacordaire*, das quaes de certo a maior parte do nosso clero nao tinha noticia. Assim, trasladasdas em linguagem vernacula e obtidas pelo preço modico do jornal, não ha desculpa admissivel. Depois da versão das *Conferencias do Padre Lacordaire*, muito conviria a das *Conferencias* (Razão philosophica e razão Catholica se denominam ellas) do Padre Ventura de Raulica, digno emulo d'aquelle orador sagrado.

O snr. Latino Coelho, esse illustre mancebo que em tão curtos annos alcançou posição eminente tanto na tribuna como na imprensa, vae sahir a lume com a elegante traducção de uma obra recentemente publicada em Allemão, expurgando-a d'alguns erros. A obra intitula-se *Portugal e as suas colonias no anno de 1854*. É composiçào do doutor Sulio, Barão de Minutoli.

Em Leiria vai apparecer um semanario d'Instrucção, recreio e variedades. *Do nome do rio que corta o ameno campo* d'aquella cidade, e que tão cantado foi pelo mimoso e nacionalissimo poeta do seculo XVII, que lá teve o berço, toma o Semanario o nome — *Liz*. A reputação dos redactores promette-lhe uma vida auspiciosa. Desde já o saudamos com verdadeira effusão.

Esperamos anciosos o volume de poesias do snr. Faustino Xavier de Novaes. Consta-nos será brevemente distribuido aos assignantes. Deus o queira — O herdeiro de Nicolau Tolentino ha-de certamente proporcionar-nos algumas horas de conscienciosa jovialidade com a leitura dos versos jocosos, que fazem parte da collecção.

N'um dos ultimos dias do mez passado foi á scena no theatro de D. Affonso Henriques, em Guimarães, um drama historico do snr. Visconde de Pindella, intitulado *Lopo Vasques*, que agradou muito segundo temos lido em alguns jornaes. O snr. Visconde revelou já a sua vocação dramatica na *Vingança*, da qual, bem como das poesias do snr. Francisco Martins, daremos n'um dos n.º proximos o nosso juizo critico.

Recebemos o n.º 6.º da *Revista Peninsular* periodico escripto promiscuamente nas duas linguas, portugueza e hispanhola. Vem acompanhado do retracto do snr. Latino Coelho.

É uma bella publicação, em que a nitidez typographica rivaliza com o merito dos artigos, rubricados aliaz pelos nomes mais distinctos da Peninsula Iberica.

Altamente civilisador foi sem duvida o pensamento de sua creação. Destruir essa especie de muralha imperial do Cantão, que moralmente divide Portugal da Hispanha, fazer que os dous estados se conheçam mutuamente, é o glorioso empenho da *Revista*.

Nos dous subseqüentes periodos, que extractamos da introducção respectiva, bem claro patentea o snr. Mendes Leal o programma da publicação.

«Cousa singular! As duas nações, que dão fraternalmente as mãos na Peninsula Iberica, conheceram-se menos do que geralmente conhecem as que lhes ficam mais distantes. Todavia as fontes da sua historia são as mesmas, as suas origens ethnographicas tornam-se irmãs, os periodos da sua grandeza tem corrido parallellos, os progressos do seu espirito correspondem-se, as suas affinidades e analogias tocaram-se por toda a parte, a sua ascendencia é commum, corre lhes nas veias o mesmo sangue, repartiu lhes Deus o mesmo solo, o mesmo clima, repartiram-se entre si a mesma herança, e, apesar de tudo, ignoram-se nas relações mais elevadas, mais proficuas e fecundas.....»

«Com tantas condições de fraternidade, que falta á elaboraçào intellectual dos dois paizes? Um terreno em que todos se encontrem, se conheçam e se apreciem. É isso o que tenta a *Revista Peninsular*, e julgamos que basta expor a idea para que se applauda a intenção. A *Revista* transforma em facto um desejo, em pouco tempo uma necessidade dos dois paizes. Ahi vae á terra a semente. Brotará d'ella a arvore. Multiplicar-se-hão na arvore os fructos.»

A coroa do triumpho para os esforços generosos dos redactores da *Revista*, é o que do coração anhelamos.

Torres e Almeida.

Explicação da charada do n.º antecedente:
LIDADOR.